

“Now nobody plants anything”

THE BACKYARD OF MS CREUZA: expression of resistance and strengthening of the ways of life at a Paraense Amazon island

Leonardo Silveira Santos

Abstract: Backyards are places of sharing, familiarity, creation, imagination, protection, healing, food and other knowledge. They involve not only a dynamic relationship with the land and botany, but also with animals, work and ontologies. In short, they represent aspects of ways of life, with emphasis on the link between backyards and certain traditional populations, such as artisanal fishermen and ribeirinhos, who see these places as a way of subsistence and understanding life. This research seeks, starting from Itapuá, an island in the Amazon of Pará, to explore the ethnobiography of a woman from Itapuá and her relationship with the diversity of her backyard in the face of what arrives through the process of municipalization and the advance of the frontiers of livestock farming, the fishing industry, monoculture and mining in this region.

Keywords: Backyard, diversity, municipalization

“Agora ninguém planta nada”
O QUINTAL DE DONA CREUZA: expressão de resistência e de fortalecimento dos modos de vida em uma ilha na Amazônia Paraense

Leonardo Silveira Santos¹

Resumo: Os quintais são locais de compartilhamento, familiaridade, criação, imaginação, proteção, cura, alimentação e outros saberes. Envolvem não apenas uma relação dinâmica com a terra e a botânica, mas também com animais, trabalhos e ontologias. Em suma, representam aspectos dos modos de vida, com destaque para o vínculo entre os quintais e determinadas populações tradicionais, como pescadores artesanais e ribeirinhos, que veem nesses locais um modo de subsistência e de compreensão da vida. Esta pesquisa busca, a partir de Itapuá, uma ilha na Amazônia Paraense, caminhar pela etnobiografia de uma senhora itapuaense e sua relação com a diversidade de seu quintal frente àquilo que chega pelo processo de municipalização e pelo avanço das fronteiras da pecuária, da indústria pesqueira, da monocultura e da mineração nessa região.

Palavras-chave: Quintal, diversidade, municipalização.

¹ Mestre em Ciências da Religião pela Universidade do Estado do Pará e doutorando em Sociologia e Antropologia pela Universidade Federal do Pará, com período sanduíche na Université du Québec à Montréal. Pesquisador colaborador do Laboratório Multiusuário Herbário Profa. Dra. Marlene Freitas da Silva (MFS). E-mail: leonardosilveirasantos7@gmail.com.

DOI: <https://doi.org/10.59130/2965-128X-V01-N01-V302-QUINTAL>

INTRODUÇÃO

A ilha de Itapuá tornou-se um local clássico da antropologia paraense, muito devido aos estudos elaborados por Heraldo Maués (1990) e Angélica Motta-Maués (1993), na década de setenta. Suas pesquisas abordaram diversos temas, como aspectos da religião — com destaque para a pajelança cabocla¹ e o catolicismo popular — e relações entre trabalho e gênero. Em suas obras, também foram descritos aspectos socioculturais e ambientais do lugar, revelando uma Itapuá formada majoritariamente por pescadores artesanais, de pequenas casas de madeira e com vários roçados de mandioca, onde a pesca seria exclusivamente masculina e a roça predominantemente feminina. Essas atividades também refletiriam a base alimentar da ilha, voltada no consumo de peixes da região, açaí e farinha de mandioca.

Vinte e cinco anos depois, no início do século XXI, Gisela Macambira Villacorta, em parceria com Heraldo e Angélica Motta-Maués, escreveram um artigo sobre matintapereras² e pajés³. Nele, além de abordar o tema central de sua pesquisa, as percepções dos(as) pesquisadores(as) sobre a ilha são levantadas e comparadas, apresentava duas Itapuás com dinâmicas sociais diferentes em suas passagens — algo já esperado quando trata-se de modos de vida. Por exemplo, em ambos os estudos, a pesca se apresenta como principal atividade econômica e masculina; porém, ele não se pode dizer da agricultura, que se enfraqueceu diante das modulações sociais. A esse fenômeno, a autora atribui a três fatores: as mulheres passaram a ocupar outras atividades remuneradas, como o preparo e a venda de popa de fruta; elas também começaram a frequentar e a ter um maior pertencimento nos cultos evangélicos, como apontado nesse trecho da obra “os ofícios e o cuidado necessário à manutenção do espaço dos cultos parece ter, em parte, “substituído” o trabalho que antes era carregado para as roças” (MOTTA-MAUÉS e VILLACORTA, 2008, p. 337); e a mudança na paisagem de Itapuá, que ocorre mediante o aumento populacional, impulsionada pela maior presença de pessoas de fora da ilha, e a formação de fazendas, sítios e outras atividades extrativistas que eram rarefeitas na década de setenta.

Embora fique evidente que essas pesquisas não tenham se aprofundado na relação entre os quintais e os e as itapuaenses (esse não era o foco principal de suas investigações), elas ajudam a pensar Itapuá a partir de uma descrição histórico-antropológica desse lugar. Se hoje, em 2024, ao pisar em uma ilha onde a pesca ainda se mostra muito forte como atividade econômica, alimentar e de identidade, algo semelhante ao que foi descrito nas pesquisas anteriores. Por outro lado, os quintais parecem cada vez mais fragilizados, à medida que observa-se sinais de desertificação em um horizonte cada vez mais árido.

A primeira tarefa que cabe a este escrito, antes de adentrar propriamente no tema deste trabalho, é elucidar à pessoa que lê que esta não é uma pesquisa sobre a evolução dos quintais de Itapuá ou a tentativa de dar uma linearidade nas dinâmicas sociais. Embora os materiais antropológicos previamente mencionados possam dar uma ideia de modificações ao longo do tempo, essas obras refletem apenas o que o autor e as autoras puderam observar durante suas vivências, bem como o que eles(as) julgaram

1 Trata-se de uma prática de culto mediúnico, composta por um conjunto de rituais terapêuticos realizados por pajés ou curadores, que intervêm no tratamento de doenças enquanto estão incorporados por entidades sobrenaturais (MAUÉS, 1990).

2 Em Itapuá, como mostra a pesquisa de Motta-Maués e Villacorta (2008, p. 334), a Matintapereira é representada como uma mulher que pode assumir a forma de animais, sendo capaz de voar como os pássaros, emitindo nessa ocasião um assobio característico.

3 É o elo entre pessoas e o sobrenatural (MOTTA-MAUÉS e VILLACORTA, 2008).

relevante ao ponto de destacar em seus respectivos escritos. Este artigo, por sua vez, possui o intuito de apresentar que os fluxos de informações e os modos de vida são dinâmicos, e nenhuma pesquisa pode capturar plenamente a complexidade dessas interações. Por exemplo, o fato de a pesca ter o seu protagonismo na vida social dos(as) itapuaenses, não quer dizer que os métodos, os materiais ou os locais se mantenham idênticos àqueles observados pelos(as) pesquisadores(as). Da mesma forma, a transformação dos quintais, de roças de mandioca em sítios, não elimina as nuances e mudanças ocorridas entre esses períodos e outras formas de relações com o local. Portanto, esta pesquisa possui a consciência que as informações aqui registradas não retratam uma totalidade ou um quadro fixo, elas se desatualizam na ampulheta do tempo e marcam aquilo que despertou os sentidos no autor.

O caminho deste escrito se fundamenta nos diálogos com Dona Creuza, uma senhora que compartilha um pedaço de seus saberes culinários, religiosos e botânicos. Sua resiliência, criatividade e adaptabilidade com que molda seus saberes pautam a elaboração de uma etnobiografia⁴ dessa senhora. Esse tipo de abordagem também irá se aprofundar na relação dessa senhora com o seu quintal, o grupo social e o contexto itapuaense. Dessa forma, debruça-se em compreender como o quintal, além de abrigar diversidade botânica, também é lugar de criação; como essa diversidade se mantém frente às novas dinâmicas socioculturais; como ferramentas que chegam pelo processo de municipalização podem ser utilizadas para fortalecer e diversificar a relação com as plantas e a prática alimentar, medicinal e de existência.

Para a elaboração deste estudo, foram realizadas 15 visitas a Itapuá entre os anos de 2021 e 2024. A observação não participante foi o método adotado para instituir minha presença na ilha e compreender suas dinâmicas socioculturais. Reconheço que este escrito apresenta o olhar de alguém de fora do grupo, mas busca aprofundar questões que atravessam os itapuaenses e outros mundos amazônicos. Como destaca Clifford Geertz (2008), o que se pode pensar a partir das observações é moldado, limitado, selecionado e interpretado por todo um corpo de conceitos e sistemas de significado que herdamos como membros de uma determinada cultura.

As observações foram acompanhadas por caderno de notas, diário de campo, câmera fotográfica e gravador de voz. Cada técnica era brevemente apresentada aos(as) interlocutores(as), bem como a natureza da presença do pesquisador. Porém, sem sombra de dúvida, a estratégia se apresentou com maior potencialidade para abrir diálogos foi mencionar as obras de Maué, Motta-Maués e Villacorta. Talvez esta pesquisa nem pudesse ser realizada sem a passagem e o legado deixado pelos pesquisadores(as) que, além das diversas divulgações científicas estabeleceram laços de respeito e amizade entre os e as itapuaenses.

Apesar do protagonismo de Dona Creuza neste escrito, a colaboração de outras pessoas do grupo social foi fundamental para este artigo, como a deu Seu Heraldo. No entanto, optou-se pelo anonimato, pois, diferentemente do que ocorreu com essa senhora e seu filho, não se iniciou o processo

4 O indivíduo passa a ser pensado a partir de sua potência de individuação enquanto manifestação criativa, pois é justamente através dessa interpretação pessoal que as ideias culturais se precipitam e tem-se acesso à cultura (Gonçalves, 2012).

de autorização para divulgar seus nomes.

Esta pesquisa está dividida em três etapas: A Itapuá que eu vi: aspectos socioculturais e ambientais; Dona Creuza e seu quintal: a diversidade que resiste; Incubadoras e Moradas de planta: uma relação com o que chega. Por fim, vale ressaltar que a presente pesquisa possui aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e compõe uma parte da tese Bio-Etnografias do Cuidado, que elaboro no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Pará. Além de ser vinculada ao Laboratório e Museu Digital: Antropologia da Religião na Amazônia, da Universidade do Estado do Pará.

A ITAPUÁ QUE EU VI: ASPECTOS SOCIOCULTURAIS E AMBIENTAIS

Localizada próxima à baía do Marajó, a ilha de Itapuá (0°49'48.4"S e 48°08'18.8"W) está vinculada ao município de Vigia de Nazaré, considerado por muitos vigienses e historiadores, como a cidade mais antiga do Pará⁵. Vigia também desponta, segundo informações do Censo 2022, como a cidade mais populosa da microrregião do salgado⁶, no nordeste paraense, com aproximados 51 mil habitantes (IBGE/Censo 2022).

O município de Vigia abrange uma área de 401.589 km², fazendo fronteira com os municípios de São Caetano de Odivelas, Colares e Santo Antônio do Tauá. Dentro desse território, aproximadamente 8.500 km² correspondem à área de Itapuá, conforme medições feitas pelo aplicativo “medição de área”. A partir dos trabalhos de Ana Campos e Mário Jardim (2022), o ambiente da ilha foi descrito como uma espécie de savana amazônica, por apresentar vegetação típica nas proximidades de rios e igarapés, além de solos mais arenosos. Por outro lado, as áreas estuarinas, sujeitas à sazonalidade das inundações com água salobra, favorecem a formação de extensos manguezais. Assim, pode-se dizer que Itapuá abriga uma diversidade de ecossistemas interligados, onde zonas de transição surgem entre a água, manguezais, várzeas e terra firme, coexistindo e criando uma dinâmica ecológica única.

A ilha possui um grupo social que, em grande maioria, se identifica como pescadores artesanais. Esse aspecto foi muito forte nas pesquisas de Maués, Motta-Maués e Villacorta, bem como se repete agora neste estudo. A relação com a pesca, apesar das dinâmicas sociais e a proximidade com o centro urbano de Vigia, atravessa o tempo e se mantém como símbolo da identidade itapuaense. Na ilha, é possível perceber que a pesca vai além de uma atividade econômica. Ao olhar para aqueles que possuem outros ofícios, nota-se que estes guardam memórias sobre a pescaria ou a praticam nos momentos de lazer ou como forma de subsistência. Como ensina Roberto Cardoso de Oliveira (2000), as identidades são fenômenos cuja inteligibilidade requer contextualizá-lo no interior das sociedades que o abrigam.

⁵ Esse é um tema que gera muitos debates entre os historiadores. Acreditasse que a missão de Castelo Branco aportou na então aldeia Uruitá, dos Tupinambá, a sudeste da ilha do Marajó, seis dias antes de fundar Belém. Posteriormente, a aldeia Uruitá virou um porto de vigilância do tráfego da baía do Marajó, o que mais tarde ficaria conhecida como Vigia. Desse modo, o município festeja sua fundação a contar da primeira passagem portuguesa ao local, ainda como Uruitá, em seis de janeiro de 1616 (Maués, 1990).

⁶ Os municípios paraenses agrupados na microrregião do Salgado são: Colares, Curuça, Magalhães Barata, Maracanã, Marapanim, Salinópolis, São Caetano de Odivelas, São João da Ponta, São João de Pirabas, Terra Alta e Vigia de Nazaré.

Assim, se levarmos em consideração a pluralidade dos itapuaenses, é possível dizer que há múltiplos contextos e, por isso, diversidade de grupos e de identidades, mas que possuem profundas raízes, ancestralidades, na pesca.

Caminhos à Itapuá

Para ajudar na descrição dos caminhos que levam à Itapuá, considera-se dois pontos de localização: o centro comercial e urbano de Vigia (continente) e Itapuá (ilha). Assim, partindo do continente, há duas rotas para chegar à ilha. Por via terrestre, pelo ramal de Itapuá, ou por via fluvial, navegando pelo Furo da Laura.

Se a opção for o ramal de Itapuá, ele poderá ser acessado na PA-140, no trecho que conecta os núcleos de Vigia a São Caetano de Odivelas. Nessa via, que se estende por 6 km em chão de terra batida, é possível perceber a presença e a proliferação de diversas atividades econômicas, seja pela presença de fazendas de gado e monoculturas como banana, açaí e coco, além de áreas de extração de areia branca.

Nesta pesquisa, ao longo dos últimos quatro anos, foi possível perceber a expansão dessas atividades para dentro da ilha. Esse modelo de relação com o ambiente, além de causar feridas na terra não consegue dialogar com a biodiversidade da região e com os modos de vida. Assim, como mostram as pesquisas de Vandana Shiva (2018) e o de Violeta Loureiro (2023) os avanços dessas fronteiras contribuem para o empobrecimento biológico e sociocultural.

Além das atividades agrícolas e de mineração tensionarem com a biodiversidade, elas também causam o desgaste do ramal, seja pela erosão das beiras ou pelo surgimento de crateras na via. A partir de diálogos com algumas pessoas itapuaenses, foi possível perceber a expectativa de que o ramal seja asfaltado, em movimento semelhante ao que ocorreu recentemente no ramal da Barreta. Contudo, assim como ocorreu na Barreta, caso aconteça esse movimento ele virá principalmente para atender o melhor escoamento de mercadorias dos grandes produtores rurais e mineradores.

Se a opção for via Fluvial, a rota Vigia-Itapuá ou Itapuá-Vigia, mais conhecida como “a travessia”, pode ser feita em lanchas e possuem a duração aproximada de 15 min. A partir de observações e diálogos com o grupo social da ilha, constatou-se que tanto o continente quanto a ilha são margeados pelas águas salobras do Furo da Laura. Essa característica da água indica que ela está sob a influência do mar e do rio, com oscilações na sua concentração de sal. Esse tipo de variação impacta diretamente as espécies encontradas nessas águas.

Entre as espécies mais presentes na atividade pesqueira e que também fazem parte da mesa itapuaense estão: Gurijuba (*Arius luniscutis*); pratinzeira (*Mugil curema*); sardinha (*Sardinella janeiro*); dourada (*Brachyplatystoma flavicans*), pescada-amarela (*Cynoscion acoupa*); pescada-branca (*Cynoscion leiarchus*); pescada-preta (*Plagioscion auratus*); acari (*Loricariidae*); Juripiranga (*Tachysurus Luniscutis*) e peixe-pedra (*Synanceia verrucosa*). No entanto, a abundância de peixes nas águas vigienses atraiu grandes empresas pesqueiras, criando um cenário em que a pesca artesanal, apesar de resistir, coexiste com embarcações industriais que promovem uma pesca predatória, não somente pela carne, mas também

pelo grude⁷. O aumento da atividade pesqueira industrial tem agravado a qualidade dessa água. O despejo de óleo e outros resíduos tóxicos no rio, afeta diretamente a pesca artesanal e, por consequência, a alimentação de diversas famílias que dependem da pesca, inclusive em Itapuá. Embora a “Lei do Óleo” (Lei nº 9.966/2000) regule o descarte de substâncias nocivas, pescadores locais ainda relatam a presença de óleo nas águas e a consequente diminuição do pescado.

A ilha e sua distribuição.

Além do furo da Laura, a formação de Itapuá como ilha é margeada pelos igarapés Anauerá e Caratateua, que são pequenos cursos d’água que serpenteiam entre os mangues itapuaenses. No território da ilha é possível encontrar três divisões: A Itapuá de fora – uma área com fazenda de gado, praia e trapiche; A povoação – local de maior densidade demográfica; e o açai – com residências mais espaçadas, vegetação fechada e onde se encontra a centenária igreja do Menino Deus.

A partir das observações ao longo dos anos é possível dizer que, além de toda a pressão da agropecuária, mineração e da pesca industrial que impõem aos modos de vida itapuaense, há em Itapuá um processo de municipalização. Isso quer dizer que o crescimento populacional, potencializado pela chegada de pessoas de fora da ilha, intensificou o fluxo de veículos, o surgimento de novas congregações religiosas, de outras redes de comunicação, da Unidade Básica de Saúde e de mercadinhos e açougues.

Por outro lado, a municipalização ampliou ruas e descampou boa parte da cobertura vegetal. De forma semelhante, as residências ou pequenas propriedades rurais parecem seguir um modelo semelhante, com pouco diálogo com a biodiversidade. Quando se olha para a povoação isso fica mais evidente. A desertificação é notada nos quintais, geralmente cobertos por gramíneas e açais, e nas ruas, onde as cortinas de poeira sobem e invadem as casas a cada passagem de um veículo pelas vias de Itapuá.

Todo esse processo de municipalização impacta diretamente na dinâmica dos modos de vida. A diminuição da biodiversidade botânica e animal afetam as relações que os itapuaenses possuem ou podem possuir com essas espécies e com o próprio ecossistema. Ao mesmo tempo, a forma de trabalho também está em transformação. Embora a pesca mantenha seu protagonismo, não é a única atividade em destaque; outras formas de trabalho estão em andamento nas fazendas de Itapuá e nas cercanias, assim como em Vigia, que se torna cada vez mais acessível com a linha de ônibus que opera na rota Itapuá-Vigia. Dessa forma, todos esses aspectos fazem com que os mercadinhos se fortaleçam e passem a vender outras possibilidades de alimentação. Em suas prateleiras e gôndolas, produtos contendo alto grau de aditivos químicos, sal, açúcar e gorduras e, geralmente, com baixo valor nutricional ganham protagonismo nas vendas e, consequentemente, nas mesas itapuaenses.

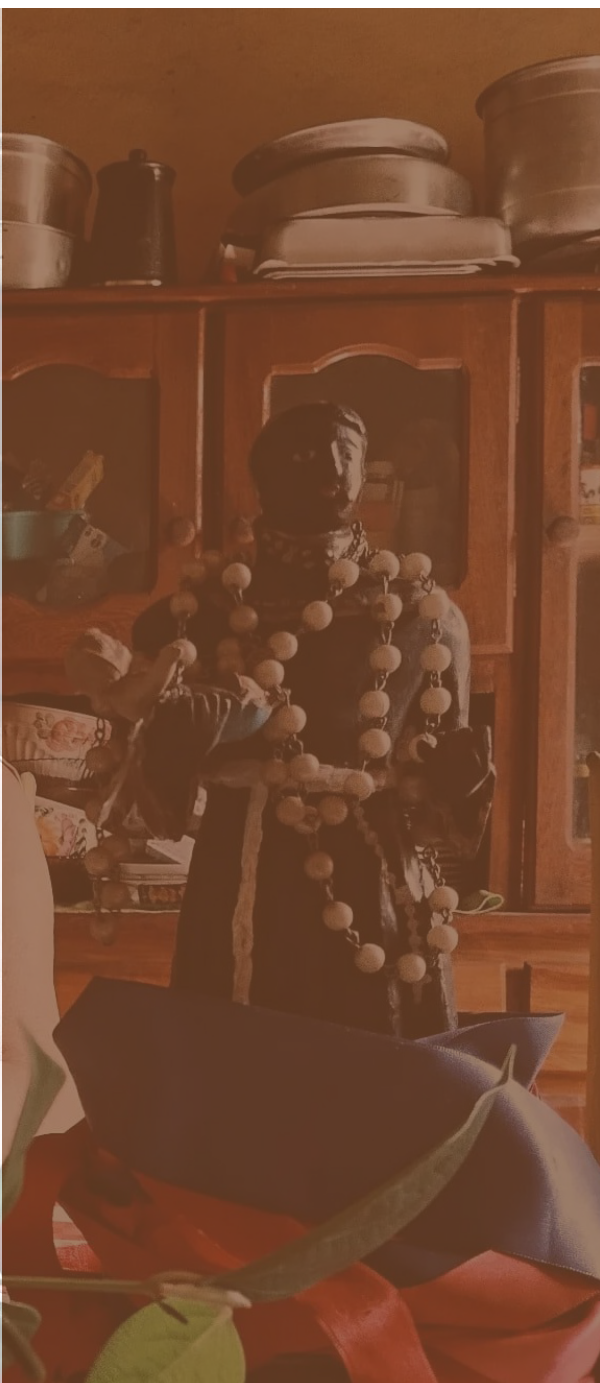
⁷ O grude é extraído das vísceras do peixe por meio de um processo de evisceração. A prática acontece por meio de um corte longitudinal na região ventral do peixe para remover a bexiga natatória. Em seguida, a bexiga é lavada com água e separada para uma rápida limpeza, removendo assim o sangue e a gordura. O material é desejado por países asiáticos, onde é utilizado como fixador nas indústrias de cosméticos, alimentos e bebidas, como demonstrados pelas pesquisadoras Vanessa Ferreira e Greice Carneiro (2022).

DONA CREUZA E SEU QUINTAL: A DIVERSIDADE QUE RESISTE

A Dona de Santo

Na aridez da rua principal, onde o calor dos dias parece ser mais intenso, uma casa rosada mantém suas janelas abertas, contrariando a tendência das outras residências de se fecharem contra a poeira da rua. Mas não era só isso que tornava aquela casa “diferente”, nem mesmo o pião-roxo (*Jatropha gossypifolia* L.) em seu canto esquerdo — acredita-se que a planta pode afastar espíritos ruins e matintapereiras. O que tornava a casa rosada especial era os seus moradores, como Dona Creuza, que era dona de santo e responsável por manter um quintal que exalava diversidade.

Dona Creuza Leal (Imagem 1⁸), uma senhora de 74 anos se destaca por sua relação com as plantas e com o catolicismo. Embora não se identifique com títulos como parteira, benzedeira ou curandeira, ela prefere não adotar uma denominação específica para suas práticas, seu nome é amplamente mencionado pelos moradores de Itapuá. “Vai lá, que ela tem muita planta”, comentou um pescador da ilha, ressaltando o reconhecimento local de seus conhecimentos. Ao chegar à casa de Dona Creuza, o que se destaca de imediato é seu vasto quintal, repleto de uma densa diversidade botânica. Para olhos destreinados, a distribuição e a quantidade de plantas parecem um mundo caótico, mas Dona Creuza, com sua sabedoria, identifica cada espécie e conhece suas propriedades terapêuticas e/ou alimentícias. Dentro de sua casa, a diversidade continua, mas desta vez, santos e santas católicos coabitam um espaço de devoção. Entre eles, destaca-se São Benedito, que, apesar de não ser o padroeiro dos pescadores e nem de Itapuá, possui grande devoção na ilha. Moradores frequentemente deixam velas e orações ao santo, pedindo de intercessão na saúde e na proteção, especialmente em relação à vida na pesca.



8 Os registros fotográficos e seus usos foram previamente permitidos por Dona Creuza.

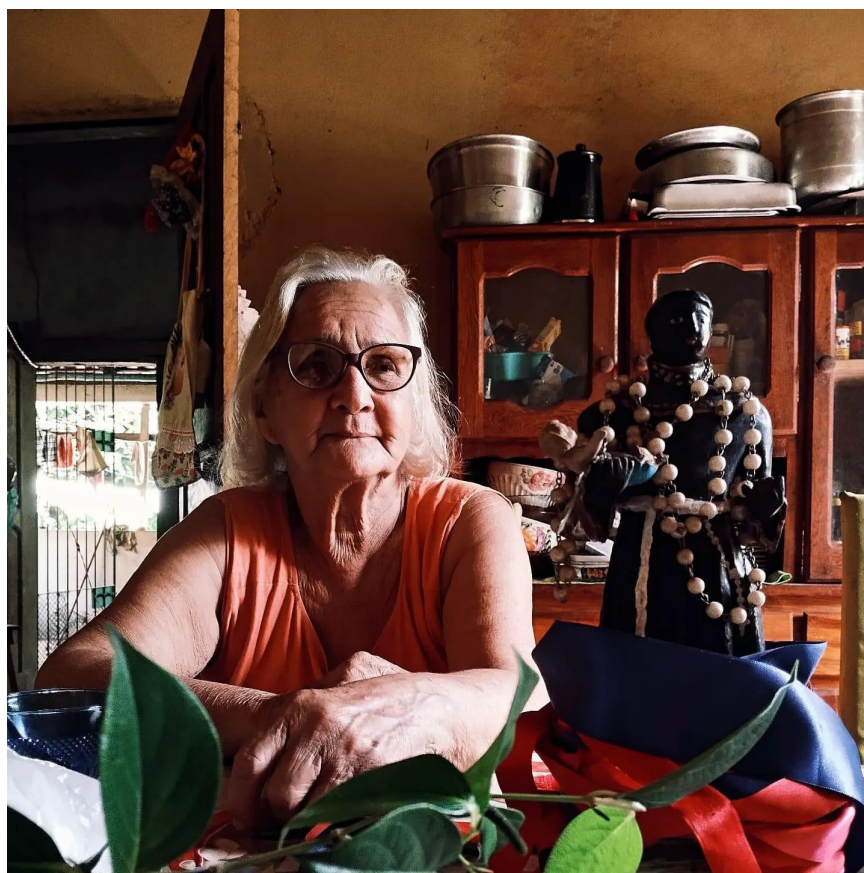


Imagem 1 - Dona Creuza ao lado de São Benedito.

Ser dona de santo significa deter a posse de uma entidade consagrada que percorre um ciclo específico de reconhecimento, sem estar subordinada à estrutura institucional da Igreja. Bourdieu (2001), em sua aula inaugural no Collège de France em 1982, atribui à sociedade não apenas o papel de reconhecer a importância social de determinados agentes, mas também de produzir o que ele denomina ‘consagração social’. Para o autor, os significados e legitimidades dentro de um círculo de consagração são construções sociais, derivadas das relações e dos mecanismos simbólicos que operam no grupo. Nesse sentido, a consagração de São Benedito — e, por extensão, de Dona Creuza e de sua sabedoria — configura-se como um ciclo de reconhecimento que transcende o espaço insular, alcançando visitantes de Vigia e regiões vizinhas, que reafirmam e ampliam esse processo consagratório ao depositarem orações, velas, fitas, em prol das graças desejadas ou alcançadas.

Nas pesquisas de Heraldo Maués (1990), foi identificado que, em Itapuá, o padroeiro era o Menino Deus, mas a principal devoção era a São Benedito, que, na época, estava sob os cuidados de seu Zizi, sogro já falecido de Dona Creuza. Tornar-se dona ou dono de santo é algo que pode ser herdado na família; há, inclusive, uma associação do santo ao sobrenome, como no caso de São Benedito dos Leal ou São Pedro dos Palhetas — outro santo de Itapuá que não está sob o controle da igreja. Também há aqueles que se tornam donos de santo ao encontrar uma imagem, geralmente na mata ou no rio. Esse achado confere maior poder ao santo, tornando-o milagroso. O caso mais emblemático do estado do

Pará, como ressalta Maués, é o do caboclo Plácido, que, às margens de um igarapé belenense, encontrou a imagem de Nossa Senhora de Nazaré, dando início às devoções que mais tarde resultariam no que hoje se conhece como a quadra nazarena, incluindo o Círio de Nazaré.

O ato de ser dono de santo em Itapuá requer uma conduta ilibada perante a sociedade itapuaense, isso inclui não ter vícios, como em álcool ou em tabaco, ser devota e cuidadosa com o santo, ter assiduidade na igreja, realizar ladainhas e acolher fieis que queiram rezar, deixar fitas ou velas em pedidos e agradecimentos. Entre as atribuições também está deixar a janela sempre aberta para que todos que passem pela rua vejam o São Benedito, ou melhor, para que o santo veja quem está passando na rua.

“São as mulheres que plantam, as mulheres que são trabalhadeiras; os homens são tudo vagabundo”

Filha de Seu Aberlado de Souza e Dona Ana Saldanha possui em seus pais um esteio que leva até hoje em sua vida e nos ensinamentos a seus filhos. Com o pai, essa senhora aprendeu o valor de repartir o peixe com as outras famílias de Itapuá; com a mãe aprendeu a cozinhar, a curar e a plantar. Evidente que isso não contempla toda a magnitude dos ensinamentos, mas é o que se apresenta mais forte nas falas de Dona Creuza.

Assim como ocorreu nas pesquisas de Maués e Motta-Maués, na família de dona Creuza, foi possível perceber uma divisão das atividades entre sexos - a pesca é majoritariamente do homem, enquanto a atividade do roçado é da mulher. Com isso, uma divisão sociocultural e histórica fez com que os irmãos dessa senhora ficassem encarregados da pesca e as irmãs da roça e do preparo dos alimentos.

“São as mulheres que plantam, as mulheres que são trabalhadeiras; os homens são tudo vagabundo”, a frase de Dona Creuza não se remete apenas a sua família, mas como ao seu mundo itapuaense, onde as mulheres se preocupam e se dedicam ao cultivo de plantas que alimentam, curam, protegem e embelezam seus quintais. Apesar de a pesca ter sua complexidade e exigir esforço físico e mental, compreende-se que as mulheres estão mais conectadas com as necessidades da família. Elas não atuam somente nos quintais — o que, por si só, já seria muito —, mas também articulam outras formas de garantir o sustento da casa. A própria Dona Creuza possui um mercadinho e produz artesanato, como tapetes, porta-objetos e panos de prato, entre outros.

As irmãs de Dona Creuza também atuam em outras funções semelhantes, além disso, sua família preserva e induz a diversidade botânica em seus quintais, o que não se pode estender aos seus irmãos. Para elucidar melhor esse fato, ao comparar o quintal de Dona Creuza com um de seus irmãos, que também é seu vizinho. Essa senhora mora em uma área de pouco mais de 600 m², enquanto seu irmão possui uma propriedade quase nove vezes maior que o terreno de Dona Creuza. No entanto, no quintal dessa senhora, há uma diversidade botânica maior do que de comparada ao quintal de seu irmão, que é basicamente formado por açazeiros e algumas árvores, sempre com grandes espaçamentos entre essas plantas. Vale destacar que esse irmão retornou à ilha há pouco tempo, tendo passado a maior parte de sua vida em Belém, onde reside oficialmente com sua família belenense. Pensando além de uma divisão

de gênero, esse distanciamento e o retorno a uma Itapuá em processo de municipalização também podem ser fatores que influenciam nessa relação menos diversa com a botânica.

A tendência das residências serem maiores e em formato de sítio surge, em parte, pela melhoria no acesso à ilha. A aparente tranquilidade, segurança e o “contato com a natureza” — aspectos que contrastam com o centro urbano de Vigia — atraem tanto pessoas de fora quanto aquelas que se distanciaram da ilha. No entanto, essas mesmas pessoas acabam levando para Itapuá seus modos de vida que estou proposto a chamar de “urbano-áridos”. Inspirado em Antônio Bispo (2023) é possível perceber que as cidades não permitem outra forma de vida que não a humana, aquelas que existem e resistem é graças à força do orgânico, não porque os humanos queiram. Assim, não é ontologicamente possível que essas pessoas compreendam o viver na diversidade, restando-lhes o conforto mental da aridez e de suas plantas propriamente econômicas.

O fenômeno expansivo dos “urbano-áridos” não favorece uma coabitação com os “antigos” itapuaenses, pelo contrário, promove uma especulação imobiliária e o conseqüente deslocamento de quem não vê em Itapuá uma maneira de promover os seus modos de vida, ou seja, de quem não encontra espaço no e para o seu próprio mundo. Além disso, observa-se que não há a preocupação com os quintais ou com as roças domésticas - quando menciono roçado, estou me referindo a um tipo de plantação voltada mais para um retorno financeiro e de subsistência. O que observa-se até agora é que a roça foi substituída pelo chão de grama ou por fazendas e suas extensas monoculturas de grandes proprietários de terra. Quando Dona Creuza fala “Agora ninguém planta nada”⁹ ela está denunciando a modificação de uma prática que está diretamente ligada à quebra do vínculo com a diversidade, uma lógica que imputa aos itapuaenses uma dificuldade de ter o alimento, de ter um modo de vida mais afeito ao viver compartilhado.

Por outro lado, a diminuição das roças domésticas não gera grande impacto aos de fora, que em seus modos alimentares pautam-se pela forte presença de alimentos processados industrialmente. Pelo contrário, essa escassez de roças favorece o surgimento e o fortalecimento de mercadinhos e de produtos voltados a esse novo público que acaba pautando um novo modo de alimentação em Itapuá.

Bem diferente dessa prática o quintal é algo que está presente em Itapuá. Em Dona Creuza, até esta pesquisa, foram identificadas ao menos 70 plantas. São diferentes espécies, formas de vida e práticas que resultam em diversidade. Cada planta pode apresentar características alimentares, medicinais, aromáticas, protetivas, sagradas e não necessariamente pertençam exclusivamente a uma dessas categorias, que a meu ver são muito mais acadêmicas do que locais. Como Antônio Bispo (2023) deixou de ensinamento, toda planta é necessária, não tem uma que não seja. Seguindo esse pensamento, cada planta é pertencente desse ecossistema e guarda uma prática, um saber e um estopim de memória.

Viver nessa diversidade conecta Dona Creuza não somente às plantas, mas à sua mãe e à sua existência no seu mundo itapuaense. Donna Haraway (2016) ajuda a refletir sobre essa relação a partir do seu conceito de humanos-como-humus (human-ashumus), para a autora o ser humano é parte

9 Diário de campo, dia 15 de maio de 2023.

integrante e interdependente da Terra e de seu ecossistema, uma oposição à perspectiva antropocêntrica que o coloca como figura central do desenvolvimento. Em outros termos, ver o humano como húmus é valorizar um pensamento que contempla a coletividade. O ser humano não está acima da natureza, mas é um ser entre muitos, com responsabilidades ecológicas compartilhadas. Assim, os humanos-como-húmus não são superiores, mas uma forma de vida envolvida entre muitas outras que fazem parte de um sistema de interdependências. Desse modo, é possível notar que Dona Creuza necessita daquela diversidade como algo que faz sentido a sua vida, da mesma forma que as plantas necessitam dessa senhora para sua presença na ilha.

O quintal de Dona Creuza (Imagem 2) é um dos poucos refúgios de diversidade. O processo de municipalização gerou, e continua gerando, terrenos desarborizados e solos predominantemente gramíneos. Todavia, não é possível dizer que o quintal dessa senhora representa uma paisagem do que era Itapuá. Como observado por Maués (1990), os quintais dessa ilha eram descritos como locais onde se destacava o cultivo da mandioca, bem como a produção de farinha. No quintal de Dona Creuza, após várias visitas, não foi possível identificar essa espécie e tão pouco que havia um forno para a produção de farinha. Isso faz pensar que, mesmo nas décadas de 1970 e 1980, o quintal de Dona Creuza já era ‘diferente’, sendo a presença da diversidade algo encarnado no seu viver e na sua família.



Imagem 2 - O quintal de Dona Creuza.

A cada visita a Dona Creuza, essa senhora surpreendia com uma nova planta, muitas eram doadas ou adquiridas na feira de Vigia. “Hoje é fácil ir pra Vigia, o ônibus passa na frente de casa. Vou lá, faço minhas comprinhas e volto”¹⁰. A melhoria do ramal possibilitou uma linha de ônibus, que é utilizada por Dona Creuza, principalmente, para ir à feira de Vigia onde possui sua rede de saberes e de compartilhamentos botânicos. Por vezes, eram plantas que aquela senhora estava tendo o primeiro contato e criando práticas. Essa inserção de novos entes, até mesmo entendidos como exóticos, não pode ser visto como algo que quebra a lógica cultural, muito pelo contrário. Hallé, Clément e Letourneux (2023) convidam a refletir se as plantas consideradas exóticas podem ser classificadas apenas pelo prisma da ameaça. Essa forma de olhar petrifica a natureza e, ao mesmo tempo, elimina o caráter dinâmico dos modos de vida e de suas relações e criações. O ponto que quero demonstrar é que a vida de Dona Creuza é pautada pela diversidade e pela interdependência entre entes que ela articula em seu quintal. Um local onde o humus possui vivacidade e resiste em meio à aridez botânica que a cerca. Aqui, novamente reafirmo que a aridez botânica não está relacionada a um solo arenoso, de areia, mas no enfraquecimento da diversidade botânica na espacialidade da povoação de Itapuá.

MORADAS DE PLANTA: UMA RELAÇÃO COM O QUE CHEGA

Imaginário, criação e conversão semiótica: utilizando o que chega a favor da diversidade botânica

Dona Creuza é mãe de sete filhos – cinco homens e duas mulheres – todos nascidos em Itapuá, fruto da união com seu falecido esposo Alírcio Leal. Acompanhou a vida dos seus filhos desde o nascimento, vendo-os crescer, formarem suas próprias famílias e dando-lhe 11 netos e 1 bisneto. Entre idas e vindas ao longo dos anos, essa senhora acompanhou quatro de seus filhos se mudarem para centros urbanos, como Vigia e Macapá, enquanto outros três, até o fechamento deste escrito, permanecem estabelecidos em Itapuá. Cada partida marcou um novo capítulo em sua vida, um pedaço de Dona Creuza que ganhava outro mundo, mas que levava um pouco da sabedoria repassada por essa senhora e pelo grupo social itapuaense.

Desse laço familiar, Seu Heraldo é o filho mais velho e o único que reside na casa de Dona Creuza. Inclusive é o responsável direto por garantir o peixe na casa e de repartir o excesso com outras famílias. Mas nem sempre foi assim, ainda jovem foi trabalhar em uma grande indústria cervejeira de Belém, na adolescência viajou ao Rio de Janeiro e por lá passou boa parte de sua vida, atuando nas plataformas petrolíferas como letrista, e retornando a Itapuá após sua aposentadoria.

Nesta parte do escrito, pauta-se a relação de Dona Creuza com Seu Heraldo, por entender que suas atividades são complementares e que há o compartilhamento de saberes voltados e praticados no quintal, a despeito do fato de que os outros filhos também possuem influência e forte apego à mãe.

¹⁰ Diário de Campos, dia 18 de janeiro de 2024.

Inclusive, aqueles que moram em outras localidades mantêm contato constante pelo aplicativo WhatsApp¹¹, com o envio de áudios e vídeos, além de realizarem videochamadas com Dona Creuza.

Seu Heraldo faz do quintal o seu ateliê onde elabora ferramentas, tece e repara rede de pesca, constrói barcos, além de manter uma criação de patos e de galinhas. Boa parte de suas práticas no quintal envolvem seus saberes locais como pescador artesanal e de suas experiências de vida. Além disso, vem ganhando destaque o acesso a vídeos na plataforma YouTube¹². O site é constantemente visitado por meio da televisão da sala, e tornou-se fonte de conhecimento para Seu Heraldo. Por ele, esse senhor pode observar a fabricação de barcos de fibra de vidro por tailandeses e de ferramentas de pesca por chineses; acompanhar pescas de caranguejo no Mar de Bering ou as práticas da pesca no Mar das Filipinas; sem dúvida, há uma infinidade de possibilidades. Mesmo sendo vídeos em outra língua e, geralmente, não legendados, Seu Heraldo aprende vendo e testando com os materiais e o imaginário que possui. Vale destacar que o acesso à internet também veio na esteira do processo de municipalização de Itapuá e pela demanda crescente que vinha pelos itapuaenses e, principalmente, pelos “de fora”.

Nessa outra forma de navegar, agora pela internet, Seu Heraldo apresentou à sua mãe vídeos que ensinavam a fazer cultivos com produtos reciclados. A hidroponia, por exemplo, é uma das técnicas aprendidas e praticadas no quintal. Ela consiste na utilização de garrafa PET, onde a parte superior desse objeto é cortada, formando uma espécie de funil, e, em seguida, essa peça é virada e introduzida novamente no corpo da garrafa, que, em sua base, contém a água que irá nutrir a planta. Esse tipo de manejo garante uma melhor relação com a água e a praticidade de ter um cultivo de fácil alcance, sem que essa senhora tenha que se abaixar no cuidado com a planta e a terra. Além disso, antes mesmo do acesso ao YouTube, Dona Creuza (Imagem 3) já possuía práticas de reutilização de materiais na tentativa de criar vasos que eram, por vezes, incubadoras – quando ela plantava sementes, seja utilizando a hidroponia ou copos plásticos, ou moradas – quando a planta já estava forte e precisava de mais espaço. Era o momento em que ela utilizava materiais de maior porte para acomodar esse ente botânico. Assim, pode-se dizer que Dona Creuza, assim como Seu Heraldo, aperfeiçoou, introduziu e expandiu técnicas, utilizando o que chega no fortalecimento de seu modo de existir.

11 Um aplicativo que possibilita o compartilhamento de mensagens instantâneas, isso inclui texto, fotos, vídeos e áudios.

12 Uma plataforma de compartilhamento de vídeos online.



Imagem 3 - Dona Creuza e suas incubadoras

O caráter dinâmico dos modos de vida reordena práticas e ritos, são expressões que se modificam pelas relações dentro de um determinado contexto. O fato de um objeto como a garrafa pet ganhar outra função dominante, isto é, deixar de armazenar um produto e virar morada de plantas que alimentam, curam, protegem e/ou estetizam o viver de Dona Creuza, está diretamente ligado a capacidade humana de elaborar e reelaborar símbolos a partir do imaginário e da realidade que o cerca. Paes Loureiro (2007) vai dizer que um objeto, por exemplo, pode ser inicialmente percebido sobre determinada função simbólica, mas, ele pode estar sujeito sob outro estímulo, adquirindo novas funções. Nesse sentido, o que um dia desempenhou uma dominante específica pode, em outro momento, converter-se “no outro de si mesmo”. No caso, é a garrafa que vira morada, que ajuda a sustentar uma resistência.

Ainda seguindo o pensamento de Paes Loureiro (2015) se percebe que as pessoas não apenas recebem e reinterpretem símbolos, mas também recriam suas práticas e objetos, convertendo-os em expressões renovadas de suas realidades em mudança. São materiais que são inseridos em novo contexto simbólico e culturalmente legitimados. Assim, a caixa de descarga danificada, as embalagens plásticas de saco de feijão, da água sanitária e do iogurte, o pneu já gasto, as sobras do cano de Pvc, a peça de isopor que acompanha as embalagens de eletrônicos, a lata de tinta, o copo rachado do liquidificador, a peça do ventilador que deixou de funcionar, o coco seco ou a rede de pesca rasgada são elementos que adquirem uma nova função ao serem reinterpretadas em contextos diferentes. São

materiais que perderam sua função dominante—e, por isso, poderiam ser categorizados como lixo—, mas que, pelas mãos de Dona Creuza, ganham novas significações e se transformam em moradas de plantas (Imagem 4). São materiais que, em minha compreensão, perderam a sua função - categorizados como lixo, mas que pelas mãos de Dona Creuza ganham novas dominantes e se transformaram em moradas de plantas (Imagem 4). São, agora, estruturas que garantem a presença da diversidade botânica, bem como do alimento, principalmente de temperos como cheiro-verde (*Coriandrum sativum* L.), cariru (*Talinum triangulare*) e pimenta-malagueta (*Capsicum frutescens*), e da cura alimentar, pela formulação de chás e xaropes de quiabo (*Abelmoschus esculentus*), maxixe (*Cocumis anguria*), mastruz (*Dysphania ambrosioides*), alecrim (*Rosmarinus officinalis* L.), por exemplo. Além disso, são também lares para plantas necessárias na lavagem de roupa, como é o caso da canarana (*Costus arabicus*) que perfuma e ativa as cores, na sorte pelo dinheiro-em-penca (*Callisia repens*) que pode ser colocado atrás da porta, ou na ornamentação, nos casos das plantas de enfeite, como a amor-das-11 (*Portulaca grandiflora*) ou a samambaia (*Phlebodium decumanum*) que acompanham também a ornamentação dos oratórios¹³ de Dona Creuza.



Imagem 4 - Registro de algumas moradas – foto 1: cheiro-verde (hidroponia com garrafa pet); foto 2: amor-das-11 (copo de liquidificador); foto3: maxixe (rede de pesca); foto 4: pimenta-malagueta (peça de isopor); foto 5: cariru (caixa de descarga).

¹³ Lugares da casa destinados aos santos e às orações e devoções pessoais.

“Lixo” em Itapuá

Como é possível perceber até agora, os materiais utilizados por Dona Creuza podem ser categorizados, em uma percepção urbano-árida, com lixo, aquilo que perdeu sua função e deve ser descartado. Por outro lado, Antônio Bispo faz refletir a partir de outra relação com esses materiais ou resíduos.

Uma das minhas avós e mestra ensinava que aquilo de que a gente não precisa, mas sabe que apodrece, deve ser jogado no quintal. E aquilo que não é mais necessário, mas não apodrece, a gente guarda até o dia em que for necessário. Dessa forma, nada ia para o lixo, não conhecíamos a palavra lixo (Antônio Bispo, 2023, p.19-20).

Essa citação me faz lembrar a primeira vez que fui à dispensa de Dona Creuza. Um amontoado de embalagens, garrafas pet e latas dividiam espaço naquele pequeno cômodo da casa. A minha incompreensão só foi desfeita após a leitura da obra de Bispo e de observar que aquilo que me era incompreensível era necessário para que Dona Creuza pudesse criar suas incubadoras e moradas para as plantas. Aquilo expandia o seu quintal e permitia com que ela pudesse manter seus modos de vida entre a diversidade botânica, garantindo alimento e medicamentos naturais.

Por outro lado, a aproximação dos modos de vida com a Vigia urbana impôs um novo tipo de consumo, com muito mais plástico envolvido. O crescimento populacional, bem como a mudança das práticas alimentares, fez com que a coleta de lixo também viesse à Itapuá. Ao primeiro momento, para quem nasceu em um modo de vida urbano, parece um ponto positivo, no entanto, é um tipo de serviço que foi implementado sem considerar as especificidades locais, como conta um pescador itapuauense.

Agora inventaram essa coleta de lixo; os caras não entendem que aqui não é cidade grande. Isso tá esculhambando Itapuá. Chega sexta-feira, fica aquele monte de lixo na frente das casas. Aí vai cachorro, gato, mexem e espalham aquele lixo. Fica igual às ruas de Vigia. No interior é diferente: todo mundo juntava o seu pouquinho de lixo e queimava (Diário de Campo, 18 de janeiro de 2024).

Nesse caso não há um diálogo, mas uma imposição de modo de vida. Um serviço que vem de fora e não permite olhar para a realidade local, como, por exemplo, para o quintal de Dona Creuza. Se como Antônio Bispo escreve “Na cidade não havia mato, havia lixo. E no lixo se jogava tudo: o que apodrecia e o que não apodrecia. Tudo misturado”. Esse mesmo modo, de forma abrupta, é lançado em Itapuá sob o pretexto de progresso. Na verdade é outro serviço que surge na esteira da municipalização e que vem para atender principalmente aqueles que possuem modos de vida urbanos, o que não deixa de ser também uma forma de colonialismo.

Por outro lado, a solução para o problema que se criou a partir da coleta de lixo veio não pelo poder público, mas pela mobilização do grupo social. Em setembro, ao acompanhar em Itapuá uma procissão que faz parte do círio de Vigia, pude notar que por várias partes da ilha havia máquinas de lavar que levavam a inscrição “lixo”. Assim como ocorre com Dona Creuza, esses eletrodomésticos que apresentavam defeito em seu funcionamento primário ganharam outras funções e tornaram-se recipientes adequados para evitar que animais espalhem o lixo e para facilitar a coleta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em minhas pesquisas, mais precisamente desde a época do mestrado iniciado em 2018 até 2024, são debruçadas na relação entre pessoas e suas práticas de cura e de proteção, sempre com forte envolvimento com as plantas e os aspectos religiosos. Nessa trajetória que se estende principalmente na Amazônia paraense há alguns aspectos que chamam a atenção: as pessoas associadas às práticas de cura são também aquelas consagradas pelo dom de cozinhar. Em nossos diálogos com o grupo social de Itapuá sobre Dona Creuza, suas falas estavam sempre acompanhadas de menções a São Benedito, às plantas de seu quintal e às saborosas comidas que preparava, em especial nos dias de festividades do santo e da igreja católica.

Em seus preparos alimentares não há uma categoria fechada entre a planta que alimenta ou a que cura, elas são envolvidas, são temperos, acompanhamentos, chás, protagonistas. São alimentos que curam. Assim, me parece indissociável tentar explicar as práticas de cuidado de Dona Creuza sem perceber que a forma de fazer o alimento, com as plantas de seu quintal, também é uma forma de proteger, de curar e de expressar um modo de vida intimamente ligado à diversidade.

Evidente que este escrito é um pequeno um recorte de toda a diversidade que há no quintal de Dona Creuza, mesmo assim, isso permite imaginar um trânsito ou uma coexistência dinâmica de plantas entre categorias, como cura, proteção, alimento e enfeite. A cada visita há novas revelações de plantas e de práticas, que, em determinados momentos, vão tomando forma pelo poder inventivo e imaginativo ou despertando das memórias da dona de santo.

Por outro lado, os urbanos-áridos expandem suas fronteiras e introduzem uma nova dinâmica aos modos de vida. Dona Creuza aprendeu a utilizar as ferramentas e os serviços que chegam, promovendo a diversidade e preservando o seu mundo itapuaense. Assim, observa-se que a criação de “vasos” — moradas feitas com materiais que, aos olhos áridos, poderiam ser considerados lixo — e que ajudam essa senhora a estreitar sua relação com raízes, cascas, folhas, sementes, frutos, resinas e outras partes desses entes botânicos. Comparando as plantas no chão do quintal com aquelas acolhidas em vasos, percebe-se que as do solo possuem um porte maior; são árvores de grandes frutos, como o cupu, o limão-pepino e a laranja-da-terra. Já as plantas em vasos são as ornamentais e as que alimentam — sejam temperos, saladas, ervas para chá ou xarope. Essas estão mais próximas, no batente da cozinha ou ao alcance de Dona Creuza.

O quintal de Dona Creuza é a essência de uma vida que só possui sentido se for constituída na diversidade de plantas e suas diferentes formas. Esse tipo de relação não atende um mercado, não pode ser pautado pelo valor monetário. As plantas não são comercializadas, são compartilhadas. Elas atendem um modo de vida onde a diversidade está em tudo, inclusive na resistência, na harmonia com o meio e na mesa itapuaense.

Artigo recebido em 13 de dezembro de 2024.

Aprovado para publicação em 03 de fevereiro de 2025.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu, 2023.

BOURDIEU, Pierre. **Lições da Aula**. São Paulo: Ática, 2001.

BRASIL. Lei nº 9.966, de 28 de abril de 2000. Dispõe sobre a prevenção, o controle e a fiscalização da poluição causada por lançamento de óleo e outras substâncias nocivas ou perigosas em águas sob jurisdição nacional. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 29 abr. 2000.

CAMPOS, Ana Caroline de Souza Campos; JARDIM, Mário Augusto Gonçalves. **Composição florística da regeneração de um trecho de savana na Amazônia Oriental**. Revista Brasileira de Geografia Física v.13, n.6, 2020.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **Os (Des)Caminhos da Identidade**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v 15, n 42, 2000.

FERREIRA, Vanessa Rocha; CARNEIRO, Greice Costa Vieira. **A Exploração do Trabalho Infantil no Mercado do Grude do Peixe na Cidade de Vigia no Estado do Pará**. Revista do Direito do Trabalho e Meio Ambiente do Trabalho, v 8, n 1, 2022.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

IBGE. Censo demográfico 2022: resultados preliminares. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/censos>. Acesso em: 22 out. 2024.

HALLÉ, Francis; CLÉMENT, Gilles; LETOURNEUX, François. **Espécies Exóticas: uma ameaça?** São Paulo: Olhares, 2023.

HARAWAY, Donna. **Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes**. ClimaCom Cultura Científica - pesquisa, jornalismo e arte I, v. 3, n. 5, p. 139-146, 2016.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. **A Ilha Encantada: Medicina e xamanismo numa comunidade de pescadores**. Belém: UFPA, 1990.

MOTTA-MAUÉS, Maria Angélica. **“Trabalhadeiras” & “Camaradas”**: Relações de gênero, simbolismo e ritualização numa comunidade amazônica. Belém: UFPA, 1993.

MOTTA-MAUÉS, Maria Angélica; VILLACORTA, Gisela Macambira. **Matintapereras e pajés: gênero, corpo e cura na pajelança amazônica**. In: MAUÉS, Raymundo Heraldo (Org.); VILLACORTA, Gisela Macambira (Org.). **Pajelança e Religiões Africanas na Amazônia**. Belém: EDUFPA, 2008, p. 327-348.

PAES LOUREIRO, J. J. **A conversão semiótica: na arte e na cultura**. Belém: EDUFPA, 2007.

PAES LOUREIRO, João de Jesus Paes Loureiro. **Cultura Amazônica: uma poética do imaginário**. Manaus: Valer, 2015.

SHIVA, Vandana. **Monoculturas da mente:** perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia. São Paulo: Gaya, 2003.

LOUREIRO, Violeta Refkalefsky. **Caminhos e Descaminhos da Amazônia em Busca do Desenvolvimento:** Acertos, Erros e Possibilidades. Manaus: Valer, v 1, 2023.